

Celebração *in memoriam* do Maestro SÉRGIO MAGNANI  
Palácio das Artes, BH, 23. fevereiro. 2001

pe. Nereu de Castro Teixeira

I. Certo dia, alguns gregos, marcados do exercício da filosofia e da experiência das artes, quiseram entrar em contato com Jesus. Eram considerados pagãos, fora da raça dos israelitas e judeus. Procuraram Filipe e lhe pediram que os levasse ao Senhor, dizendo: *Senhor, queremos ver Jesus*. E, apresentados ao Senhor, Ele disse: *Chegou a hora em que este Homem será glorificado. Asseguro-vos que se o grão de trigo caído na terra não morrer, ficará só; se morrer dará muito fruto. Aquele que se agarrar à vida (psyché), a perderá; aquele que desprezar a vida (psyché) neste mundo, a conservará para uma vida (zoé) eterna (Jô 12,23-25).*

*“Por isso, quando dizemos “Vida” com maiúscula devemos entender, antes de tudo, a suprema e concretíssima Vida e Ser que é o próprio Deus. É esta a vida que Jesus atribui a si (Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida, Jo 14,6) e da qual cada homem e cada mulher é chamado a participar. Assim, o valor supremo é o homem vivente da vida divina.*

*O “onde” pode continuar misterioso, mas está submetido ao valor do “o que é”.*

(Carlo Maria Martini, cardeal de Milão)

*A bandeira da Vida, quando tremula, não pode senão comover os todos os espíritos. E mais que todos, permito-me dizer, aquele dos não-crentes e mesmo aquele dos ateus mais “fideístas”, pois estes são os que, não acreditando em nenhuma instância sobrenatural, encontram na idéia da Vida, no sentimento da Vida, o único valor, a única fonte de uma ética possível.*

(Umberto Eco)

II. Amigos e amigas,

Jamais poderia pensar que um livro me caísse nas mãos e me desse a densidade de pensamento que me faz brotar na memória viva a vida de nosso amigo Magnani. Livro de diálogo livre, sincero e aberto entre dois expoentes luminares do pensamento contemporâneo: **Umberto Eco**, o mundo leigo e **Cardeal Martini**, o mundo eclesiástico; Umberto Eco, o “ateu fideísta” e Cardeal Martini, o fiel capaz de ter aquele “sal de ateísmo” que faz bem a qualquer cristão. Cardeal Martini por quem Magnani teve o maior respeito e a esperança que um dia poderia ser mais um italiano “do mundo”, capaz de suceder a Pedro. *IN COSA CREDE CHI NON CREDE* (Em que crêem os que não crêem) o título dos diálogos de duas raízes que são as mesmas de nosso Maestro: a Itália, que ele tanto amou e quis ver superando crises e decadências.

III. Nosso relacionamento começou quando, anos atrás, Magnani dirigindo o Hino Judeu **SHEMÁ ISRAEL**, me pediu que, enquanto o coro masculino se retirasse da cena, entrasse outro coro masculino cantando o Canto Gregoriano porque, me dizia o Maestro, “é no gregoriano e na revelação cristã que este hino judeu chega à plenitude; só o gregoriano pode concluir o grito Shemá Israel, Ouve, ó Israel”.

Muito poucos foram os momentos de nossa convivência. A gente se encontrava através dos amigos e amigas comuns. O pouco que dele ouvi, sempre girou sobre a Igreja, o mundo, a cultura, os rumos da civilização e as observações sobre a música hoje e de sempre, a mediocridade de nosso tempo.... Nunca falamos sobre Jesus Cristo. Depois, recebo de presente aquele texto que considero seu testamento: *Expressão e Comunicação na Linguagem da Música*, onde, no dizer de Berenice Menegale, *sua vida de músico corresponde a uma*

*preferência do espírito... em ampla visão cultural que relaciona brilhantemente os fatos e as "poéticas", relativiza conceituações, evita rótulos e concepções fechadas".*

IV Temos que ser muito gratos ao Autor da Vida, por esta vida passada entre nós. Vida que hoje, temos absoluta certeza pela fé que professamos, passou da LUMEN (Luz opaca e tantas vezes desenfocada que é a tessitura terrena) para a experiência do NUMEN (o poder fascinante de Deus, visto face a face). Vida que ele "odiou": certo tipo de "vida", sem beleza, sem profundidade, sem busca, sem a angústia do sempre procurar, do sempre beber, sempre perturbar, do sempre perguntar, com uma grandeza de coração que jamais abriu mão da força da razão e da lição da História, seja na releitura do "mundo e das idéias", seja na crítica a um tipo de Igreja Soube "odiar" certo jeito de viver, soube ousar "perder a vida" e por isso mesmo, a "arrebato para sempre". Real e plenamente, ele nos revelou, em sua aparente "descrença", um lado de Deus, um aspecto da Transcendência, uma estética cuja plenitude ele encarnou e passou para tantos e antecipou na paixão pela música, especialmente ligada à palavra que ele mesmo definiu com *veículo de comunicação com o inexprimível e o eterno.*

Oh que surjam outros "ateus fideístas" como ele em nosso mundo!

V. A nós, sobretudo aos que mais beberam em suas águas, fica a herança de manter viva sua memória, sustentar seu patrimônio, e fazer avançar sua "bandeira". Há uma vida não além da vida (psyché), mas plenitude desta vida (zoe), que, pedimos ao Pai, nosso Maestro já esteja de posse sem véus, sem símbolos, sem busca, sem cansaço, sem "lumen" mas imerso no "numen" fascinante de tudo ver, tudo entender, tudo amar sem limites, tudo ter resposta. "Onde pode continuar misterioso, mas está submetido ao valor do 'o que é'".

Ressoe em nossos espíritos, na saudade e na emoção que dele temos e se transforme em alegria e vida, a paráfrase ao que ele escreveu:

*Se alguém me disser, amanhã, que a minha vida o auxiliou na maravilhosa aventura espiritual da descoberta da própria vida, acreditarei não ter compreendido em vão o meu esforço de viver.*

VI. Verdadeiramente, *aquele que se agarrar à vida, a perderá; aquele que desprezar a vida neste mundo, a conservará para uma vida eterna.* E não há outro caminho senão este: *se o grão de trigo (ainda que em forma de cinzas...) caído na terra não morrer, ficará só; se morrer, dará muito fruto.*

Teremos muito mais o Maestro Magnani conosco agora, do que antes, lembrados do que escreveu Paul Claudel em sua peça *Cristóvão Colombo: Vivos são de fato os que partiram, mortos somos nós os que ficamos.*

**Magnani, amigo, mestre e maestro, companheiro, irmão:**

**DESCANSE EM PAZ!**

*Sumo de Costeira*

---

Berenice querida,

foi escrito e lido com muita coragem,  
e com muita emoção.

Proveui ser um pouco porta-voz  
de todos que o conheceram, bem  
como fazer uma "leitura" histórica  
de sua passagem entre nós!

Abraços de Paz!

Deixe

BM. março 2/02.